

PRÓXIMO DESTINO: L O U S A L

Há um museu com máquinas a funcionar, uma galeria sem quadros, um centro que provoca a descoberta e ainda várias versões de Santa Bárbara. Confuso? Não vale a pena, é preciso viajar até ao Lousal para perceber como a Ciência dá vida a uma aldeia quase abandonada

Não estranhe se o comboio em que viaja faz uma paragem técnica no Lousal. É de propósito. Sempre que um grupo de 10 ou mais pessoas queira visitar a Mina da Ciência, a CP descomplica e deixa os clientes quase à porta de casa (bom, são 10 minutos a pé). Mas também pode ir de carro e fazer o desvio para o Lousal. Basicamente, não há desculpas para não ir e, quando lá chegar, vai perceber porque insistimos neste próximo destino. Fizemos o trajeto, conhecemos o local e quisemos contar.

Esta é uma história que tem de ser narrada, obrigatoriamente, de trás para a frente, porque tudo começou há mais de 350 milhões de anos, quando se formaram os depósitos de sulfuretos maciços. Não foi só no Lousal, há toda uma faixa ibérica que acolhe este tipo de formação. As marcas deixadas pelo período neolítico provam que outros povos já conheciam a região, tal como os romanos, que terão avistado o chapéu de ferro da mina, aproveitando apenas o que a superfície oferecia, porque esse ainda não era o tempo para fazer viagens ao centro da terra. Foi preciso esperar pelo século XX e pelo investimento estrangei-

ro para transformar o Lousal numa mina de pirite. A extração de enxofre justificou a construção da aldeia que lhe deu suporte e os 88 anos de atividade extrativa modificaram o Lousal. A mina abriu, fechou e mudou a história local, mas o Lousal não saiu do mapa.

Hoje, aproveitam-se essas marcas e recuperam-se histórias, reescritas pela ciência. É por essa nova Mina, da Ciência, que sugerimos o início deste percurso. Os antigos edifícios associados à atividade mineira começaram a ser recuperados para acolherem Ciência Viva, ao mesmo tempo que se reinventa o Lousal.

O cenário é o mesmo, mudaram os hábitos, as rotinas e os objetivos. Logo à entrada, o Centro avisa que ali se explora Ciência e se extrai Conhecimento. O percurso está adaptado, para que isso mesmo aconteça e, por exemplo, o antigo balneário dos mineiros dá hoje banhos de ciência. É permitido espreitar, mexer, experimentar, martelar ou apenas tocar, porque o Centro Ciência Viva do Lousal também se adaptou a visitantes invisuais. Há ali Caixas que ajudam a compreender a Terra,



Minérios, mistérios e outros assuntos sérios, mas também vida aquática nas trevas ou à luz do Sol, vigilantes da natureza, minérios ocultos e muitas outras explicações e demonstrações que nos levam a perceber a Ciência que todos temos em nossas casas ou ainda que sem Terra não há “carochas”.

Se não percebeu alguma parte ou não sabe como mexer no módulo para ter o efeito desejado, não se preocupe, há sempre um guia por perto que explica, relaciona e mostra o que deve ser feito. São estes mesmos guias que lhe abrem a porta do Museu Mineiro do Lousal. Há boa vizinhança entre a Mina da Ciência, a



antiga central elétrica e a mina do Lousal. A chave da porta já indicia que lá dentro existirão muitas histórias antigas para contar; afinal é isso que se espera de um museu mas, neste caso, os motores estão ligados e ainda trabalham. Desde que bem oleados, os geradores e os compressores ainda mostram o

mas ainda há minério e outras coisas mais para ver antes de lá chegar.

Ativa desde 1900 e usada, fundamentalmente, para a exploração de pirites, quer à superfície, quer à profundidade (até cerca de 500 metros), a exploração da mina do Lousal



poder da maquinaria pesada. Numa sala ao lado, não deve deixar de visitar a exposição dos vários modelos de minas em miniatura, concebidas na Alemanha, no século XIX. Sairá surpreendido, garantimos.

Quando começa a pensar que já viu tudo o que havia para ver desengane-se. Almoce, porque a partir das 15h00, a Galeria Valdemar abre portas a novas histórias. A visita é guiada e, uma vez mais, é com o Centro Ciência Viva que faz esta viagem ao centro da terra. O percurso começa à porta do Centro, porque dali até à entrada da mina, ainda há outras narrativas para conhecer, agora em plena corta mineira. O caminho faz-se por um passadiço de madeira, concebido para receber pessoas com fraca mobilidade, e só termina à porta da mina. Já não cheira a enxofre,

baseava-se em cortes horizontais ascendentes com enchimento posterior, numa progressão tipo degrau invertido. Há marcas que ficaram e que irão permanecer na paisagem, mesmo que se tente controlar a questão ambiental. A ampla corta, os poços mineiros, as cortas inundadas de águas ácidas ou os afloramentos de rochas preenchem aquela paisagem, que se mantém tingida de um castanho avermelhado. Os guias explicam o que se vê por fora, mas também o que se pode encontrar lá dentro.

Atualmente, o percurso dentro da mina não chega aos 300 metros, mas é quanto basta para ficar a perceber o que seria a vivência de quem ali trabalhou. A Santa Bárbara recebe-nos e acompanha-nos no trajeto criado para chegar aos poços Valdemar e Luís e daí não



passamos. O revestimento em madeira, que servia para impedir os desmoronamentos (entivação), ainda é o mesmo, as chapas de identificação dos mineiros ainda estão penduradas e as pedras mantêm-se no mesmo lugar. Se sofrer de claustrofobia não deve rezear fazer o trajeto. Hoje a mina está arejada e existem saídas de emergência, que são obrigatórias para este tipo de visita. O único susto que pode acontecer será porque acordou algum morcego. Não andam em bando, mas os vigilantes gostam de saber o que se passa e, se detetam “invasores”, podem muito bem sair do buraco para perceberem quem ali anda porque, entre outros seres vivos, há uma colónia de morcegos que assentou ali morada. Os ratos há muito que abandonaram a mina e não os irá encontrar, partiram no mesmo dia em que saíram os mineiros.

Não é preciso descer ao interior da terra para perceber que durante décadas era deste tipo de mina que se extraía o enxofre, necessário para a produção do ácido sulfúrico, que alimentava a fábrica de adubos químicos da





SAPEC. Mas, se entrar na mina, irá perceber melhor o modo de vida e de sobrevivência de várias gerações de portugueses. Viver e morrer mineiro, também foi um modo de vida alentejano. Estamos no interior do concelho de Grândola e o Lousal, em pleno Alentejo,

nem sempre esteve despovoado. Em meados do século XX, a escola primária chegou a ter mais de 300 crianças. Hoje tem 12 alunos. A ciência é o aliado que vai ajudar a reinventar aquele futuro.





Apesar de quase deserta, na aldeia do Lousal ainda moram antigos mineiros ou os seus descendentes diretos. Hoje, já não estão sozinhos. O Lousal criou outras infraestruturas de apoio aos visitantes, como um restaurante (que por vezes é animado com cantares alentejanos) e ainda um hotel de 4 estrelas. Se quiser perder-se por aquele lugar não ficará desamparado/a.

Sugerimos que chegue ao Lousal logo pela manhã e comece a visita pelo Centro Ciência Viva e/ou pelo Museu Mineiro. Em ambos os casos, as visitas podem ser feitas entre as 10h00 e as 18h00 (encerra à segunda-feira). A visita à antiga mina e à Galeria Valdemar só pode ser feita às 15h00 e deve levar um grupo consigo, porque é exigido um número mínimo de 5 visitantes para que os guias abram a mina.